

# A "Clavis" que pode reabrir Vieira

**Arquivista suspeitou que este era o manuscrito desaparecido há 300 anos. Texto confirma um Vieira mais universalista**

ANTÓNIO MARUJO

Jornalista do "setemargens.com"

sociedade@expresso.imprensa.pt

A descoberta do manuscrito da "Clavis Prophetarum", do padre António Vieira (1608-97), anunciada em Lisboa e Roma não foi uma surpresa absoluta para o padre Martín Morales, responsável do arquivo da Universidade Pontifícia Gregoriana, de Roma. Em 2010, Morales escrevera um texto no blogue da instituição referindo o manuscrito (ms.) 1165/1, datado de 1699, que diferia de outros três por várias razões: 328 papéis não aparados e de tamanhos diferentes; uma boa quantidade de recortes colados na margem ou no texto; diferentes caligrafias e muitas notas à margem. "Quando vi pela primeira vez aquele exemplar, em 2010, chamaram-me a atenção esses pormenores", conta agora Morales, 68 anos, que se cruzou com Vieira enquanto investigador da história da Companhia de Jesus.

Uma tal descrição, escrevia o padre argentino em 2010, pouco depois de assumir a responsabilidade do Arquivo, sugeria um manuscrito composto "em diferentes períodos", que "passou por várias andanças". Doze anos depois, o próprio confirma ao Expresso que "já suspeitava" de que podia ser aquele o manuscrito da "Clavis", a obra perdida do missionário,

diplomata, perseguido pela Inquisição e escritor — "imperador da língua portuguesa", para Pessoa.

Foram esses detalhes que levaram Ana Travassos Valdez a não acreditar no que os seus olhos viam quando, em julho de 2019, pensou que poderia estar perante o manuscrito que muitos já duvidavam que existisse. Uma sucessão de acasos levou-a a ter diante de si o ms. 1165/1, depois de ter pedido para consultar os ms. 365 e 369.

Em janeiro e fevereiro de 2020, Ana Valdez e Arnaldo Espírito Santo — professor da Universidade de Lisboa que há décadas estuda a "Clavis" — foram a Roma tirar as dúvidas. Todos os pormenores batiam certo e um último detalhe confirmou a suspeita: o relator da Inquisição em Lisboa, António Casnedi, contara que inserira uma nota no manuscrito dizendo que Vieira não cometia uma heresia numa afirmação sobre o pecado — e essa nota lá estava.

A "Clavis" pode também ser a chave para ler de outra forma a obra de Vieira. O pensador do Quinto Império, afinal, abandona essa ideia. Pelo menos, no sentido nacionalista que lhe dera em obras anteriores. Na "Clavis Prophetarum", o conceito é o do "Reino de Cristo consumado na terra", um reino inserido na história, na perspectiva de Dante ou da profecia bíblica de Daniel, quando este profeta descreve ao rei babilónio Nabucodonosor a sucessão dos impérios que ele vira em sonho.

A "Clavis" é "uma grande visão sobre a filosofia da história, sobre o

mundo", diz Arnaldo Espírito Santo. Na linha da Carta de Paulo aos Efésios, aponta para a ideia de que "o mundo tem uma unidade, um destino". E confirma um Vieira "mais universalista, mais teólogo". E também um defensor dos índios e que se opõe à escravatura, consideram os dois especialistas portugueses. Arnaldo Espírito Santo recusa as críticas de que Vieira teria admitido a escravatura dos negros: "Levantou a voz bem alto contra a escravatura", mas, admite, "não estava no seu poder mudar um sistema económico baseado no escravagismo".

Também o que hoje se designa como diálogo inter-religioso é uma inovação clara na "Clavis" e na obra de Vieira: "Vieira corresponde-se com toda a gente", recorda Ana Valdez. "Pratica um ecumenismo muito moderno, muito antes de John Locke e do seu Tratado da Tolerância."

Apesar do achado, Ana Valdez diz que "continuaremos com um trabalho inacabado": Vieira não concluiu a "Clavis". Apesar disso, o que ali está é um grande manual do pensamento político ocidental, que "devia ser entregue e lido por cada deputado, juntamente com a Constituição". Os direitos humanos, a universalidade, a abertura ao outro estão em Vieira, diz Arnaldo Espírito Santo. Há um senão: a sua é "uma visão teocêntrica — não podia deixar de o ser, no século XVII —, que o mundo atual tem dificuldade em encontrar". Apesar disso, o mundo reencontrou um manuscrito perdido, graças a dois investigadores portugueses.